

O engenheiro afro-baiano Theodoro Sampaio e a cultura indígena nas primeiras décadas do século XX

The Afro-Bahian engineer Theodoro Sampaio and the indigenous culture in the first decades of the 20th century

Theodoro Sampaio, un ingeniero afrobahiano y la cultura indígena en las primeras décadas del siglo XX

Theodoro Sampaio, ingénieur afro-bahianais et la culture indigène dans les premières décennies du 20e siècle

Luciene Carris



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/13403>
ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Luciene Carris, «O engenheiro afro-baiano Theodoro Sampaio e a cultura indígena nas primeiras décadas do século XX», *Terra Brasilis* [Online], 19 | 2023, posto online no dia 30 junho 2023, consultado o 07 janeiro 2024. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/13403>

O engenheiro afro-baiano Theodoro Sampaio e a cultura indígena nas primeiras décadas do século XX

The Afro-Bahian engineer Theodoro Sampaio and the indigenous culture in the first decades of the 20th century

Theodoro Sampaio, un ingeniero afrobahiano y la cultura indígena en las primeras décadas del siglo XX

Theodoro Sampaio, ingénieur afro-bahianais et la culture indigène dans les premières décennies du 20e siècle

Luciene Carris

NOTA DO EDITOR

Submetido: 22 de Abr. 2023; Aceite : 25 de Set. 2023

- 1 Em 1955, por ocasião do centenário do nascimento de Theodoro Sampaio (1855-1937), a livraria e editora soteropolitana Progresso publicou a obra *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*, que integra a Coleção de Estudos Brasileiros. A alentada obra de 305 páginas foi dividida em duas partes. A primeira reúne os textos de autoria de Theodoro Sampaio, entre os quais: "Estudos Arqueológicos - sambaquis; cerâmica indígena; inscrições lapidares"; "A propósito da interpretação dos litoglifos do Outeiro do Cantagalo no Alto Tapajós"; "Dois artefatos indígenas"; "Estudos linguísticos e descrição etnográfica " e "Inscrições lapidares indígenas no vale do Paraguassú". Quanto à segunda parte, esta foi dedicada aos textos de Carlos Teschauer, e foi intitulada "Explorações que particularmente promoveram o progresso da etnografia indígena".¹
- 2 Vale ressaltar a importância da editora criada em 1942 por Armando Souza e Manoel Pinto de Aguiar. Pinto de Aguiar, advogado, poeta, escritor e professor, possuía alguma

experiência anterior no ramo editorial ao lado de Jorge Calmon na efêmera editora Cruzeiro, responsável pela publicação, em 1938, da obra *O Rio São Francisco e a Chapada da Diamantina*, publicado originalmente em 1906 de Theodoro Sampaio. Durante os dezesseis anos de existência, a editora Progresso lançou 450 títulos e divulgou diversos autores locais, incitando o desenvolvimento de uma cultura local e a formação de toda uma geração de intelectuais e acadêmicos (Rosa; Barros, 2004). Desse modo, coerente com a sua linha editorial, Theodoro Sampaio se inseria no universo intelectual e merecia a divulgação de seu trabalho.

- 3 E quem foi o padre jesuíta alemão Carlos Teschauer (1851-1930)? Chegando ao Brasil em 1880, se instalou no Rio Grande do Sul e se naturalizou brasileiro. Teschauer deixou importantes estudos como *Estudos Etnográficos sobre os principais achados índios no Museu de São Leopoldo* (1901) e *A Etnografia do Brasil no princípio do século XX* (1915), inserindo as missões jesuítas na história sul-rio-grandense, o que lhe garantiu a alcunha de “pai da história gaúcha” pela historiografia tradicional sul-rio-grandense. Nas palavras de José Honório Rodrigues, “[...] erudito e trabalhador, como dizia Capistrano, o padre Teschauer dedicou-se à etnografia, ao folclore, à linguística americana, e à História, que foi seu campo predileto de atividade intelectual” (Rodrigues 1957, 80). Contudo, no presente artigo abordaremos, essencialmente, a contribuição seminal de Theodoro Sampaio aos estudos da cultura indígena.
- 4 Não é a nossa intenção aqui esmiuçar neste ensaio a arqueologia indígena, pois é alvo de especialistas. O nosso intuito é compreender o interesse de Theodoro Sampaio pelos assuntos indígenas e a sua contribuição original à formação social brasileira. Aliás, a pesquisa realizada por Ivoneide Costa identificou, no arquivo pessoal sob a guarda do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, um rol de documentos sobre a língua tupi, além de correspondências, críticas escritas em jornais e diversos estudos, tais como: “Introdução do vocabulário da língua Nhaengatu do Amazonas”; “Roteiro das cinco noções noticiadas pelo índio Pali”; “Vocabulário Crenaque (Botocudo) colhido por Froes Abreu em 1926”; “Vocabulário da língua Cajuá das tribos dos índios do Vale do Rio Paranapanema” e “Os Craôs do Rio Preto no Estado da Bahia” (Costa 2007).
- 5 De todo modo, os trabalhos de Teschauer e de Sampaio colaboraram para os estudos sobre os povos originais do território brasileiro das primeiras décadas do século XX, quando ocorre uma valorização da língua tupi e a busca por uma identidade nacional, na qual a geografia se consagrava como “o instrumento mais adequado para uma reflexão sobre a nacionalidade brasileira” (Motta 1992, 37). Podemos conjecturar que os estudos sobre a cultura indígena, ao lado da valorização da fauna e flora, contribuíssem para inflamar um imaginário nacional, no qual os intelectuais, especialmente paulistas, buscaram recuperar no tupi o símbolo, a metáfora e a metonímia da nação (Rodrigues 2010, 163).
- 6 Durante o século XIX, as sociedades indígenas foram estigmatizadas como primitivas, pois não possuíam um Estado. Desse modo, eram condenadas a uma eterna infância, pois se supunha o seu desconhecimento da escrita e da história. Para o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, “de tais povos na infância não há história: há só etnografia. A infância da humanidade na ordem moral, como a do indivíduo na ordem física, é sempre acompanhada de pequenez e miséria”, e, assim, se perpetuou a teoria da degeneração na arqueologia brasileira, sendo amplamente aceita por muitos intelectuais Oitocentistas (Noelli e Ferreira 2008).

- 7 Nas primeiras décadas do século XX se instaurou uma crítica, ao que consideraram como artificialismo da estrutura social brasileira, marcada pela importação de uma cultura estrangeira, sobretudo europeia, que atingiu intelectuais de áreas distintas como Euclides da Cunha, autor da obra *Os Sertões* (1902), que realçou a “força original da terra”, em especial a figura do sertanejo. Aliás, Theodoro Sampaio orientou Euclides sobre a pesquisa sobre o agreste baiano, como bem destacou Gilberto Freyre (Vaz 2017). Sobre essa relação de amizade intelectual, o engenheiro afro-baiano revelou que Euclides da Cunha:

Levou-me algumas notas das que eu lhe ofereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes dele em 1878. Pediu-me cópia de um meu mapa ainda inédito, na parte referente a Canudos e vale superior do Vasa-Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lhe forneci como forneci ao governo de S. Paulo que dela tirou mais de um exemplar, remetido para o Rio, ao Ministério da Guerra. (Sampaio *Apud* Rocha 2000, 88)

- 8 O processo de abolição da escravidão e a mudança de regime político em 1889 estimularam escritores, políticos e cientistas sobre a necessidade de repensar a identidade cultural brasileira. É bem verdade que o processo de abolição da escravidão e a transição para a República no Brasil levantaram questões importantes. Enquanto alguns intelectuais e escritores procuravam valorizar as características únicas e originais do povo brasileiro, outros defendiam a ideia de que o Brasil deveria seguir um modelo europeu e construir uma nação branca. Essas discussões refletiam as tensões sociais e políticas da época, marcadas pela herança colonial e pela desigualdade racial e social (Ventura 2000, 332).
- 9 Além disso, os parâmetros da atividade intelectual destes intelectuais estariam balizados numa dicotomia que relacionava sertão/brasilidade e litoral/cosmopolitismo (Motta1992, 36). Aliás, em São Paulo, Theodoro Sampaio, como sócio-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, e atuante no periódico oficial entre 1896 e 1912, contribuiu para a construção de um passado paulista centrado na figura do bandeirante paulista e para os estudos sobre os limites do Brasil meridional, no qual o espaço e a “raça” estariam atrelados na “marcha histórica”:

O Brasil meridional era resultante disto: do encontro entre a geografia ideal, que possibilita os deslocamentos dos sujeitos no processo de conquista e que levaria os portugueses a dominarem grande porção da América do Sul, e a raça mestiça, oriunda da junção entre portugueses, negros e indígena, que formaria o bandeirante paulista, agente responsável pela efetivação da conquista do território. A junção das raças resultaria no paulista. (Santos 2022, 393)

Por uma arqueologia indígena

- 10 Não é demais lembrar que logo depois de formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o engenheiro afro-baiano Theodoro Sampaio ingressou na Comissão Hidráulica do Império em 1879 e, posteriormente, na Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo em 1886. Em relação à primeira, o seu propósito destinava-se a melhoria do porto de Santos e da navegação pelo interior do país. Para tanto, se fazia necessário percorrer o Rio São Francisco, um rio considerado estratégico para o Império, responsável por integrar as províncias do sul e do norte. Durante a expedição, Theodoro Sampaio registrou as suas impressões de viagens e realizou inúmeros desenhos, que se encontram sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Quanto à segunda

Comissão, destinava-se a realizar pesquisas e levantamentos detalhados sobre o solo, clima, geomorfologia, geologia e hidrografia. Em 1905, foi contratado para atuar no planejamento urbano da cidade de Salvador, em especial, numa série de obras voltadas para o saneamento básico e a captação de água para o abastecimento (Vaz 2017, 5).

- 11 O certo é que o engenheiro viajou por cerca de 3 mil quilômetros pelo território brasileiro. Portanto, é inegável que as viagens realizadas contribuíram para elaboração de muitos trabalhos posteriores, que englobam diversos temas, desde estudos sobre a hidrografia, as pinturas rupestres, os sítios arqueológicos, a língua tupi, até a história e a geografia do território nacional. Desse modo,

A atuação político-institucional, técnica e científica de Theodoro Sampaio reconhecida em áreas como Urbanismo, História, Antropologia e Arqueologia, disciplinas sobre os quais Theodoro Sampaio exerceu grande influência – passa, ainda, a largo da literatura dos geógrafos. (Sousa e Vaz 2019, 315)

- 12 Assim, a sua análise evidenciava as potencialidades econômicas, os hábitos e os costumes dos habitantes dos sertões, dos rincões do território nacional, o que, colaborou para uma representação e um imaginário sobre o sertão, o nordeste e o Brasil. De acordo com Caroline Vaz:

Theodoro Sampaio foi uma personalidade destacada no desenvolvimento dos estudos geográficos na Bahia e no Brasil. Além de exercer suas atividades profissionais enquanto técnico, fez grande esforço de articulação entre o campo teórico e o empírico, recorrendo a extensos trabalhos de campo e obtido reconhecimento perante o público, como Euclides da Cunha, Sampaio desempenhou papel relevante junto a este, ao ajudá-lo na realização de sua maior obra, *Os Sertões*, contribuição seminal para a criação de representações sobre o Brasil e o sertão, que, se perpetuam. (Vaz 2017, 12)

- 13 Não por acaso na qualidade de sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em 1914, Theodoro Sampaio participou do Primeiro Congresso de História Nacional promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O Congresso tinha como intuito celebrar a Independência do Brasil. O recorte temporal adotado pelos organizadores do certame contemplava o período 1500-1871, objetivava-se, assim, o distanciamento dos últimos acontecimentos da história política do Brasil, em especial, o período entre a queda da monarquia e o advento do regime republicano. O evento foi dividido em nove seções de trabalho. Naquele evento, Theodoro Sampaio participou de duas seções: a segunda seção intitulada de “História das Explorações Geográficas” e a terceira, considerada como “emergente” intitulada de “História das Explorações Arqueológicas e Etnográficas”, que se dedicava ao “exame dos elementos constitutivos da formação étnica da população brasileira” (Guimarães 2005, 154).

- 14 Para o Congresso, Theodoro Sampaio elaborou a “tese avulsa” intitulada “Peregrinações de Antonio Knivet no Brasil no século XVI”. Por sua vez, na terceira seção, escreveu a “tese oficial” nomeada de “Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e o processo da etnografia indígena no Brasil”, publicada em um tomo especial da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico em 1915, e republicado, posteriormente, pela editora Progresso em 1955, como citado anteriormente.

- 15 Vale ressaltar que o Congresso inaugurado pelo então presidente Marechal Hermes da Fonseca reuniu 200 participantes, incluindo representantes dos governos estaduais e associações científicas do país. Como saldo positivo do Primeiro Congresso, a historiadora Lúcia Maria Paschoal Guimarães apontou a promoção da “sistematização do conhecimento histórico disponível, conferindo-lhe unidade e coerência,

incorporando inclusive à história pátria o passado recente do país” (Guimarães 2005, 167).

- 16 No entanto, vale recordar que de uma maneira geral, a arqueologia é entendida como o estudo das sociedades humanas antigas, a partir de vestígios materiais como artefatos, construções e restos humanos, e busca reconstruir as sociedades e culturas antigas, investigando a sua organização social, crenças religiosas e políticas, entre outros aspectos. Ademais, a etnologia e a etnografia possuem uma contribuição fundamental, ao lado da arqueologia, na compreensão da história e do desenvolvimento das sociedades humanas. Além disso, a pesquisa arqueológica, atualmente, se baseia numa relação dialética entre o passado e o presente e o sujeito e o objeto. Porém, o estudo sobre arqueologia indígena desenvolvida pelo multifacetado engenheiro Theodoro Sampaio inspirava-se nas teorias evolucionistas e se desenvolvia pelos métodos oriundos da história natural, prevalecendo a necessidade de se investigar origens e diferenciações étnicas e a origem e antiguidade do homem americano, reforçando o laço já existente entre a arqueologia e a antropologia física. Ao longo dos textos de Theodoro Sampaio é possível identificar a utilização de expressões como “homem pré-histórico” ou “primitivo”.
- 17 Aliás, a utilização do termo “pré-história”, idealizado pelo historiador escocês Daniel Wilson na *The Archaeology and Prehistoric Annals of Scotland* publicada em 1851, apesar de ser considerado equivocado, ultrapassado e imbuído de uma visão colonialista, foi amplamente utilizado por Theodoro Sampaio, pois constituía um avanço científico na época (Cali 2002, 103). De acordo com Bruce G. Trigger, “Wilson cunhou o termo pré-história, que ele definiu como o estudo da história de uma região antes da primeira aparição de registros escritos sobre ela”, assim, “a compreensão do passado derivável tão-somente dos artefatos era muito diferente da compreensão que se obtém a partir dos registros escritos” (Trigger 2004, 104).
- 18 Deste modo, constata-se que o texto inaugural do livro é a tese oficial publicada no Primeiro Congresso de História Nacional, como podemos observar na nota localizada na primeira página. Ao realizar a leitura de “Estudos Arqueológicos - sambaquis; cerâmica indígena; inscrições lapidares”, observa-se o esforço de Theodoro Sampaio de realizar uma síntese sobre a presença dos naturalistas e viajantes no território brasileiro desde o período colonial até as últimas décadas dos Oitocentos, com destaque para os locais visitados e as suas respectivas publicações.
- 19 Nesse sentido, Theodoro Sampaio argumentou que a exploração do interior do continente não se limitava ao interesse na escravização dos povos indígenas ou na busca por ouro e outras riquezas. Aliás, o engenheiro apontou que a exploração também estava relacionada aos tratados de limites entre as metrópoles portuguesa e espanhola, que exigiam a determinação precisa dos pontos fronteiriços e a exploração do interior para garantir o controle sobre o território. Logo, tais explorações geográficas foram fundamentais para o reconhecimento da geografia da América do Sul, tanto no seu contorno continental quanto no traçado dos seus grandes rios. Além disso, as expedições contribuíram para o desenvolvimento da botânica, da zoologia e da etnologia da região (Sampaio 1955, 10).
- 20 Diversos exploradores são citados por Theodoro Sampaio ao longo do seu texto. Por exemplo, o cartógrafo e missionário jesuíta Samuel Fritz à serviço da metrópole espanhola, que explorou a região do rio Solimões, no Amazonas, entre o final do século XVII e início do século XVIII, e que realizou importantes observações sobre a geografia,

a flora e a fauna (as plantas, os animais) da região, bem como sobre as línguas e culturas indígenas. Outro citado é Felix de Azara que foi comissário espanhol encarregado de demarcar a linha divisória entre as possessões das metrópoles ibéricas no final do século XVIII, e viajou pelo rio da Prata, quando sistematizou importantes observações sobre a fauna, a flora e os costumes indígenas (Sampaio 1955, 11). Do lado de Portugal, Theodoro Sampaio registrou a expedição comandada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que percorreu as capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá entre 1783 e 1792. De acordo com o historiador Ronald Raminelli,

Na Europa, até o século XVIII, o ofício de explorador era vinculado às campanhas militares, cuja função era de conhecer as fronteiras, detectar os movimentos das tropas inimigas e mapear o terreno para o avanço dos exércitos. Uma atividade, portanto, fortemente atrelada às campanhas bélicas. (Raminelli 1997, 18)

- 21 Para finalizar, Theodoro Sampaio destacou os trabalhos de catequese na região de Matogrosso e Goiás, a atuação do governo brasileiro de “proteção sistemática” aos indígenas, bem como as explorações de Candido Rondon nas bacias do Prata e do Amazonas, além da expedição científica realizada entre 1913 e 1914 por Theodore Roosevelt, ex-presidente do Estados Unidos, e Rondon pelos sertões desconhecidos através dos rios Paraguai, Tapajós e Madeira, como um “despertar de uma nova era” para o reconhecimento do “Homem primitivo”.
- 22 Por sua vez, o texto seguinte “Estudos arqueológicos, sambaquis; cerâmica indígena; inscrições lapidares” foi dedicado ao estudo do “Homem Americano” no Brasil. Theodoro Sampaio mostrou o pouco interesse ou estímulo para pesquisas sobre as origens da ocupação humana no Brasil devido à ausência de monumentos escondidos em florestas impenetráveis ou ruínas de cidades como no México, na Colômbia ou no Peru. Para Theodoro Sampaio, a falta de monumentos ou de ruínas espetaculares pode ter levado muitos indivíduos a subestimarem a importância dos estudos arqueológicos no Brasil. Nas suas palavras,
- O Homem Americano não deixou, com efeito, ao que se sabe, dentro das nossas fronteiras, vestígios de uma cultura maior que se posso equiparar às das populações que outrora dominaram os planaltos andinos e mexicano; e todavia o indígena brasileiro não é um ser a parte na etnologia da América, como não é uma aberração física, moral ou intelectual da raça. (Sampaio 1955, 33)
- 23 Para a confirmar a premissa da importância dos povos originários no Brasil, Theodoro Sampaio recorreu ao naturalista Alexandre von Humboldt que afirmara que as nações da América, com exceção daquelas próximas ao Círculo Polar, formariam uma só “raça”. A partir dessa afirmação, o engenheiro desenvolveu suas pesquisas sobre sambaquis, artefatos, gravuras e pinturas rupestres. Ao refutar a teoria do autoctonismo do homem no Brasil, ressaltou que os sambaquis são os “verdadeiros arquivos da pré-história da América”, e, assim, revelavam que houve intercuro, assim como uma identidade de costumes, entre os povos do lado do Atlântico e do lado do Pacífico (Sampaio, 1955, p. 33). Deste modo, de acordo com Theodoro Sampaio os sambaquis constituíam “montes de ostras ou casqueiros”, que revelariam informações sobre os registros de ocupações humanos em um determinado local. Portanto, enfatizou a importância de se compreender a história e a cultura dos povos originários para entender a formação da sociedade brasileira e a sua diversidade cultural.
- 24 Para Theodoro Sampaio, mesmo que esses vestígios não fossem monumentos grandiosos, eles eram importantes evidências da presença humana na região ao longo do tempo e indicavam o nível da cultura que essas sociedades alcançaram. Deste modo,

a cerâmica sepulcral encontrada sugeria que os habitantes pré-históricos da Ilha de Marajó e do Baixo Amazonas tinham atingido um nível elevado de civilização em comparação com outras sociedades da época, no seu entender: “não há dúvida de que essa gente tinha atingido a um nível mais elevado na escala da civilização” (Sampaio 1933, 43).

- 25 Além das cerâmicas, as gravuras em pedra ou os litóglifos demonstrariam o desenvolvimento da sociedade indígena. Para Theodoro Sampaio, tais inscrições lapidares não deveriam ser consideradas como páginas de um “livro de pedra”, mas poderiam indicar a filiação e a sucessão de povos nas regiões afastadas, pois:

O preparo da tinta, quase indelével, que resiste séculos à ação do tempo, exige cuidado e trabalho que não se compadecem com o emprego fútil dos momentos de ociosidade. O índio, que grava na pedra ou desenha na mesma pedra um sinal ou figura qualquer, dependente isto de material que lhe exige custoso e prévio preparo, não brinca, reflete um pensamento que lhe merece o esforço dispendido. Nem por ser um selvagem, deixa ele de ter sentimento e memória, suscetíveis de perpetuação por escultura ou pintura. (Sampaio 1933, 54)

- 26 O capítulo seguinte intitulado “A propósito da interpretação dos litóglifos do Outeiro do Cantagalo no Alto Tapajós” oferece um exame crítico sobre um estudo de Raymundo Clovis Monteiro, enviado pelo frei alemão Luiz Wand, que na ocasião era diretor da Missão Franciscana, estabelecida em 1911 no rio Cururu, entre os indígenas Mundurucus (Collevati 2009, 238). Neste estudo, Theodoro Sampaio salientou a originalidade do trabalho “considerado das mais importantes entre as até agora conhecidas no país” (Sampaio 1955, 94). A inscrição foi publicada pela primeira vez pelo explorador Antônio Gonçalves Tocantins, porém, coube ao viajante francês Henri Coudreau elaborar um registro mais fidedigno. De acordo com a descrição do engenheiro, constavam-se quinze figuras divididas em três filas horizontais, com destaque para alguns elementos como a lua, o sol e alguns animais como peixe boi, uma raia, um veado, entre outras figuras.

- 27 Para Theodoro Sampaio, os registros teriam uma forte inspiração andina, uma vez que os desenhos seriam comuns nas inscrições peruanas, além disso, destacou a dificuldade do processo empregado, até então desconhecido, bem como o local que era considerado perigoso e inacessível, o que levou a uma suposição de que a inscrição remontava a uma época imemorial, milenar, quando o rio corria em leito mais alto.

- 28 Neste sentido, “tudo leva a crer que a um povo que outrora se derramou pelo Vale do Orenoco, pelas Guianas, pelo Vale do Amazonas e por boa parte do Brasil oriental pode ela ser atribuída” (Sampaio 1955, 97). No seu entendimento, “supersticioso em extremo como todo o povo ainda na infância social, o gentio desse tempo buscava dessa arte, tornar propícios os seres imaginários da sua rude teogonia” (Sampaio 1955, 98). Além disso, “só um sentimento religioso ou supersticioso, como quiserem, podia levar o homem primitivo a práticas tão arriscadas e trabalhosas” (Sampaio 1955, 99).

- 29 Ao contrário dos antigos astecas do México, os incas do Peru não possuíam uma escrita hieroglífica, “[...] lícito e prudente é tomar as inscrições achadas na América do Sul, como simples manifestações ou de um sentimento religioso ou de um caráter fúnebre, lutuoso, ao modo das populações primitivas a que são elas atribuídas”, contrariando a proposição de Raymundo Clovis Monteiro, que sugeria que tais inscrições exprimiam acontecimentos memoráveis (Sampaio 1955, 104).

30 Por sua vez, o texto “Dois artefatos indígenas do Museu Arqueológico do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia”, Theodoro Sampaio discorreu sobre o muiraquitã fabricado pela pedra verde nefrita, que se supunha comprovar a origem asiática das sociedades indígenas no Novo Continente, então defendida pelo botânico João Barbosa Rodrigues. Tal hipótese foi rejeitada pelo cientista Adolf Bernhard Meyer, diretor do museu de história natural de Dresden, que comprovou que a “negrite não é somente encontrada na Ásia Central, mas na Oceania e na própria América” (Sampaio 1955, 169).

31 Apesar disso, a pedra poderia revelar informações importantes sobre os povos originários que habitaram a região baiana, especialmente os Maracás. Conhecidos por serem habilidosos músicos e flecheiros, além de menos agressivos do que outros grupos indígenas, pois não praticavam o canibalismo e não matavam prisioneiros de guerras. (Sampaio 1955, 110). Os artefatos produzidos a partir da pedra nefrita incluíam machados, raspadeiras, tembetás, e outros objetos ornamentais. Segundo Câmara Cascudo,

A origem asiática da nefrita apaixonou pesquisadores brasileiros, e houve muita discussão pelo fato de os muiraquitãs aparecerem sempre trabalhados e desconhecer-se uma jazida do material aproveitado para esses amuletos. A bibliografia é longa e seduziu Barbosa Rodrigues, Laduslau Neto, Charles Frederik Hartt, Orville Derby, Hermann von Ihering, Teodoro Sampaio, Eugene Hussak. (Cascudo 2001, 401)

32 De acordo com Theodoro Sampaio, a Bahia era “uma terra das lendas, de tradições, de riquezas perdidas, de tesouros ocultos”, histórias que alimentavam a imaginação de aventureiros e de seus habitantes, que desafiam a “ciência do arqueólogo e a contemplação estupefata dos viajantes”. Nesse sentido, considerava fundamental esclarecer a população sobre o significado e a importância dos artefatos e dos sinais gravados em pedra como parte crucial da história e cultura baiana.

33 São artefatos indígenas que o arqueólogo americanista procura com empenho, reúne, coleciona, a ver se descobre nesses verdadeiros documentos da evolução do homem americano, um elo a mais na imensa cadeia partida que é essa enigmática etnologia pré-colombiana do Novo Mundo. (Sampaio 1955, 107)

34 Neste sentido, Theodoro Sampaio evidenciou no texto “Estudos linguísticos e descrição etnográfica” o estudo das línguas indígenas americanas, defendendo um exame crítico e comparativo dos vocabulários existentes para se chegar a uma filiação linguística. Com efeito, destacou a contribuição da Companhia de Jesus, pois “a língua que encontraram mais espalhada ao longo da costa, cultivaram-na, submetendo-a às regras gramaticais e recolhendo-lhe o copioso vocabulário”. E concluiu ao afirmar que “tornou-se assim o *tupi* o veículo do pensamento entre o europeu e o índio e com pouco se fez a *língua geral*, a beira-mar, como no interior” (Sampaio 1955, 115). Através do contato com os europeus, o vocabulário e a gramática foram sistematizados e desenvolvidos, tornando-se um meio de comunicação entre indígenas e portugueses. No entanto, ao longo do tempo, sofreu mudanças significativas, reduzindo-se o número de falantes:

Inumeráveis, como parece que o foram em outrora essas nações bárbaras dentro do nosso território, o que, porém, hoje está averiguado é que, quanto às línguas distintas, estas se reduzem dia a dia em número, se filiam a uns poucos troncos ou matrizes que ora se contam por menos de uma dezena e com tendência a maior redução ainda, à medida que a linguística, e a arqueologia forem dominando essa imensa Babel que é a filiação dos povos da raça vermelha. (Sampaio 1955, 121)

- 35 Theodoro Sampaio ainda teceu comentários sobre a ocupação indígena do território brasileiro, que, na sua opinião, poderia ser dividida em três épocas distintas. A primeira época seria a dos construtores dos sambaquis, que habitavam o litoral e o interior do país e viviam da caça e dos produtos do mar. Essa população era de origem desconhecida e considerada de um tipo antropológico mais baixo, como comprovado pelos restos humanos encontrados nas cavernas da Lagoa Santa, no vale do São Francisco. Contudo, os Botocudos foram apontados como seus representantes atuais (Sampaio 1955, 129).
- 36 Já a segunda época corresponderia ao período migratório, marcado pelas invasões dos grupos tapuias, provenientes das regiões setentrionais do país, que teriam trazido consigo costumes e instituições mais apurados, além de noções religiosas e artes, que refletiam a cultura maior de um povo do qual decerto procediam ou com quem mantinham contato próximo. A terceira época corresponderia à invasão dos Tupi, que poderiam ter vindo tanto do planalto ando-boliviano como das regiões ao norte do istmo do Panamá, de acordo com diferentes teorias. Os Tupi teriam introduzido uma cultura mais avançada, com a adoção da agricultura e a criação de aldeias mais estruturadas, além de apresentarem uma organização social mais complexa (Sampaio 1955, 130). Vale ressaltar que essas teorias não são consensuais entre os estudiosos e que a história da ocupação indígena do Brasil é muito mais complexa e diversificada do que a simples divisão em três épocas proposta.
- 37 Por fim, o último texto “Inscrições lapidares indígenas no Vale do Paraguassú”, publicado na coletânea, corresponde à memória apresentada no 5º. Congresso Brasileiro de Geografia ocorrido, na Bahia, em 1916. Contudo, a memória apresentada ao certame é precedida de uma introdução, que revelou que o estudo das inscrições indígenas dividia antropólogos e americanistas. Para alguns, tais registros não possuíam um valor simbólico, por outro lado, outros estudiosos as inscrições continham “a narrativa simbólica de fatos históricos”. Contudo, para Theodoro Sampaio:
- Não creio que elas encerrem, sob forma simbólica, nenhum fato histórico importante, mas não são destituídas de valor simbólico. Não lhes recuso significação, representativa de ideias, rudimentares embora, mas traduzindo por meio de desenhos, pintados com cores diversas ou gravados pacientemente, um fato qualquer da vida da família ou da tribo que o selvagem quis perpetuar ou registrar. (Sampaio 1955, 148)
- 38 Desse modo, Theodoro Sampaio decidiu excursionar *in situ* pelo Vale do Paraguaçu com intuito de averiguar tais registros. As suas excursões envolveram os sítios Morro do Pintor, Casa de Pedra e Serrote da Loja, localizados entre Tapera e Santa Rosa. Assim, no dia 27 de janeiro de 1916, ele partiu de Salvador para Iguape, onde visitou duas grutas. Contudo, o engenheiro revelou, que apesar de não ter percorrido minuciosamente pelas galerias existentes, não encontrou vestígios da presença de homens de outros tempos (Sampaio 1955, 150). De lá, seguiu para Santa Rosa, onde foi recebido pelo coronel João Vaz de Sampaio, figura recomendada pelo seu conhecido José Gonçalves de Castro Sincorá, “cavalheiros a quem devo o sucesso dessa excursão científica e a cuja gentilezas e obséquios aqui de público me confesso agradecido” (Sampaio 1955, 151).
- 39 Na ocasião, Theodoro Sampaio realizou uma descrição geológica dos morros e serros graníticos, sugerindo que os desgastes das rochas poderiam simular crateras de um vulcão extinto. Não perdeu a oportunidade para apreciar os morros das estações

ferroviárias Santa Rosa e Lajedo, no atual município de Iaçú. Na região de Monte Cruzeiro e Amargosa, originalmente habitada pelos indígenas maracás, reportou a produção de nefrite e a teoria da origem da asiática dos povos originários adotada pelo botânico João Barbosa Rodrigues. Aliás, foi na cidade de Maracás que Theodoro Sampaio descreveu o seu encontro com um descendente de uma família de indígenas maracás, nas suas palavras:

Os seus pais eram índios Maracás; ele, porém, já nascera e crescera entre cristão e não conhecida sequer uma palavra da língua gutural dos seus avós. Alto, bem proporcionado de corpo, o semblante bem parecido, esse representante dos extintos Maracás não desmentia as qualidades físicas que distinguiam os da sua tribo, cuja tradição chegou até nós. (Sampaio 1955, 157)

- 40 Além das descrições, Theodoro Sampaio se empenhou em reproduzir através de desenhos o que encontrou nas suas andanças pelo interior da Bahia, como se observa nas duas imagens escolhidas. A primeira, uma figura encontrada no Serrote da Loja (Figura 1), representa uma rocha com a aparência de uma tartaruga com a cabeça estendida em atitude de movimento. Além da ilustração, o engenheiro descreveu a paisagem em que a rocha estava inserida, incluindo detalhes como cardos, bromélias, vegetação e um “ídolo gentio” esculpido em blocos superpostos.

Fig.1. Imagem retirada da obra *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*



Fig. 4 — Idolo do Serrote da Loja (Jurupary)

Sampaio 1955, 158

- 41 A análise é bastante detalhada e apresenta uma imagem visualmente rica da paisagem. O uso de linguagem figurativa, como "aparência de tartaruga" e "figura agigantada de um ídolo gentio", transmite uma sensação vívida da cena descrita, e inclui informações sobre a origem da paisagem, sugerindo que a rocha e os blocos foram desgastados pela “ação meteórica” ao longo do tempo. Nas suas palavras,

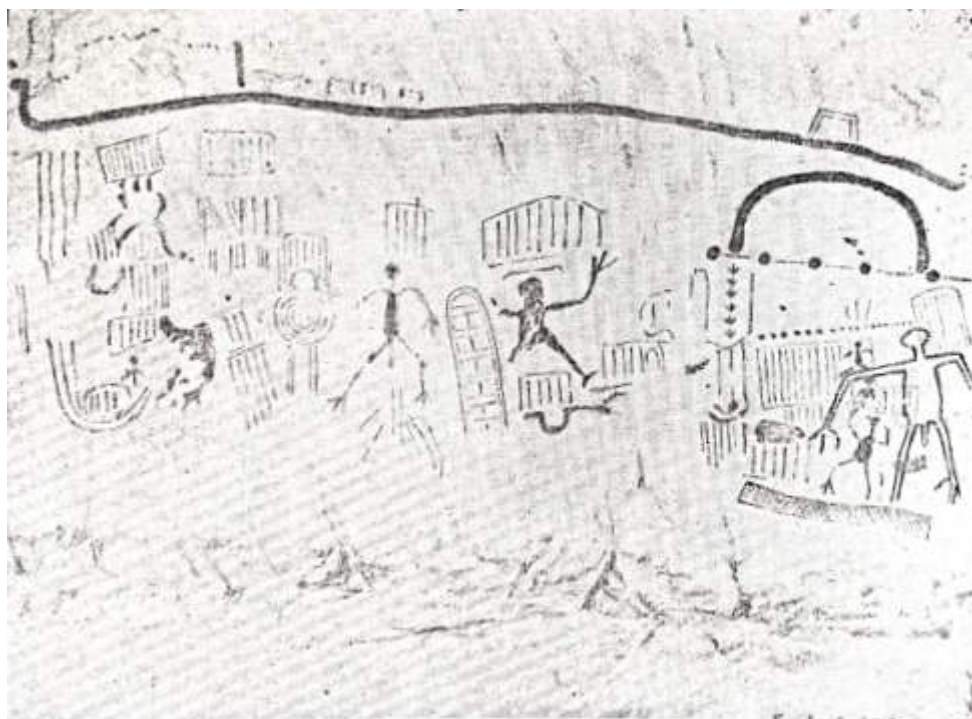
Os aspecto de todo impressiona, onde a custo e dispersos alguns cardos vingam entre bromélias nascidas nas fendas do granito, permite abranger do mesmo golpe de vista o penedia desgastado pela ação meteórica, grandes blocos amontoados na base, por entre os quais a vegetação, que aí medro sobre os detritos, quebra a monotonia da paisagem cinzenta, e, à meia altura da encosta, a figura agigantada de um ídolo gentio, feita de uns blocos superpostos e aproveitados in situ pelo artista selvagem, que o modelo e o coloriu. (Sampaio 1955, 158)

- 42 A segunda imagem, por sua vez, reproduz uma inscrição encontrada no Morro do Pintor (Figura 2). Theodoro Sampaio destacou que as pinturas foram realizadas

predominantemente com a tinta vermelha, constatou ainda as cores verde-negro do jenipapo e amarelo ocre, e considerou o branco como raro. Concluiu que os desenhos foram realizados com as pontas dos dedos, e ainda conservavam certa nitidez apesar do tempo. Aliás, constatou semelhanças com os desenhos e figuras encontrados pelo naturalista norte-americano, Charles Frederick Hartt, líder da expedição científica conhecida como “Missão Hartt” na Serra do Ererê, ocorrida em 1874, no Amazonas. Nas suas palavras:

Na larga inscrição do Serrote do Pintor, muito é para notar o modo de representar pés e mãos na figura humana, fato que eu já observara na lapa do Serrote da Lopa. O homem se representa quase sempre com os membros apartados do tronco, e levantados os braços em altitude hierática e as pernas dobradas como as de quem se tem assentado. As mãos, no geral, se figuram com três dedos e os pés também, como se foram pés de aves. (Sampaio 1955, 174)

Fig. 2: Imagem retirada da obra *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*



Estampa n. 2 — Um trecho da inscrição do Morro do Pintor

Sampaio 1955, 174

- 43 Seja como for, contrariando a ideia de que os Maracás moravam em grutas e cavernas, Theodoro Sampaio revelou que esses locais eram utilizados como necrópoles, onde os Maracás depositavam os restos mortais de seus antepassados em urnas de barro. Ele também observou que os desenhos encontrados nas cavernas representavam os nomes dos mortos enterrados, que costumavam ser apelidados com nomes de animais, objetos, plantas, defeitos físicos e determinadas características que exprimiriam os seus “maus hábitos”.
- 44 Ao todo, Theodoro Sampaio reproduziu vinte e três inscrições lapidares das lapas e cavernas utilizadas como cemitérios nos serrotes da Loja do Pintor e da Casa de Pedra, a fim de “chamar a atenção dos antropologistas e americanistas” para a importância

desses desenhos e inscrições como evidências da cultura dos Maracás. No seu entender, tais inscrições eram contemporâneas do período da colonização europeia na América, o que sugeria que a cultura dos Maracás já existia antes da chegada dos europeus (Sampaio, 1955, 188). Podemos vislumbrar que as descobertas de Theodoro Sampaio ajudaram a desvendar a cultura dos Maracás e fornecem importantes pistas sobre seus costumes e crenças. Além disso, a sua pesquisa constitui uma contribuição valiosa ao estudo da história e da cultura dos povos indígenas, em especial, da Bahia.

Considerações finais

- 45 Em 1922, Theodoro Sampaio publicou o verbete intitulado “Arqueologia Brasileira” no *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vale ressaltar que o texto é uma compilação de trabalhos anteriores, a exemplo de “Inscrições lapidárias indígenas no Vale do Paraguaçu”, nela consta-se a reprodução de algumas das ilustrações publicadas na memória de 1916.
- 46 A publicação de natureza enciclopédica foi inspirada no *Grand Dictionnaire Universel du Siècle XIX*, editado por Pierre Larrousse, e voltada para a divulgação do conhecimento. Portanto, pretendia reunir informações necessárias para a formação de “bons brasileiros”. A obra consiste numa exaustiva coletânea que pretendia apresentar um panorama sobre o país, envolvendo aspectos de natureza geográfica, etnográfica e histórica entre 1822 e 1922 (Carris *apud* Maia e Fagundes, 2022).
- 47 Não é demais recordar que a passagem do Centenário da Independência em 1922 provocou grande mobilização, pois examinar os cem anos do Estado brasileiro implicava em romper com padrões estrangeiros e privilegiar ideias essencialmente nacionais. Acrescente-se a isso, a turbulência política que o país atravessava, fruto dos problemas gerados pela crise do pacto político das oligarquias e da descrença dos valores da *Belle Époque*. Esses elementos impulsionaram o surgimento de uma análise crítica que sublinhava a afinidade entre território e nação, na qual a geografia e a história passaram a desempenhar uma das principais ferramentas de reflexão sobre a nacionalidade (Motta 1994, 6).
- 48 Assim, o primeiro centenário foi visto como um marco importante para o ingresso do país nos moldes do progresso e da civilização, conceitos já bastante debatidos desde o final dos Oitocentos. Políticos e intelectuais utilizavam, de maneira recorrente, as expressões “mundo civilizado”, “nações civilizadas”, “civilização” e “luzes” como justificativa para apregoar os seus projetos de Brasil, fenômeno que reapareceria em momentos de crise. Desse modo, a efeméride era um momento oportuno para realizar um balanço sobre o passado, o presente e para tecer perspectivas sobre o futuro.
- 49 Mas, o alcance da obra de Theodoro Sampaio não se restringiu ao campo das ciências. Em 1950, Manuel Cavalcanti Proença foi o vencedor do “Primeiro Prêmio no Concurso Literário” promovido pelo Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo. Naquela oportunidade, Proença publicou a obra *Roteiro de Macunaíma*, que identificou por meio de uma pesquisa minuciosa as fontes utilizadas pelo escritor Mário de Andrade na elaboração de *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* publicado em 1928, que buscou a valorização da cultura nacional através da utilização de provérbios populares, da linguagem coloquial, um contraponto à língua culta prestigiada no Brasil, bem como a divulgação de mitos e lendas indígenas. Dividido em três partes, o *Roteiro* possui um

glossário com termos e expressões idiomáticas, um vocabulário sobre a fauna e a flora, além de informações sobre as localizações geográficas e sobre os personagens criados pelo escritor modernista.

- 50 Ao longo da leitura do *Roteiro*, verifica-se diversas citações de duas obras do engenheiro, a primeira é o verbete “Arqueologia Indígena” publicado no, já mencionado, *Dicionário*; a segunda obra, *O Rio São Francisco* foi originalmente publicado em 1905, porém, a versão utilizada pelo autor é a reimpressão realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1936. A título de exemplo, Proença identificou que “Teodoro Sampaio, entre outros, considera as inscrições achadas nas penedias e tetos de cavernas ou lapas como epítáfios indígenas, tal como o da mãe do herói” (Proença 1969, 134). Não é demais destacar que o personagem central da história, Macunaíma, vivia numa comunidade indígena às margens do rio Uraricoera em Roraima, e após a morte de sua mãe, ele e os irmãos Maanape e Jiguê se envolveram em inúmeras aventuras.
- 51 A investigação realizada por Manuel Cavalcanti Proença nos levou ao encontro de uma missiva enviada por Mário de Andrade ao intelectual potiguar Luís da Câmara Cascudo em 06 de agosto de 1929. Na ocasião, o escritor paulista recomendava a obra de Theodoro Sampaio para a elaboração de sua pesquisa sobre a “etnografia tradicional do nordeste brasileiro”, nas suas palavras:
- (...) Quanto ao Tupi na geografia nacional, acabo de achar um, segunda edição. Mas agora justamente até o meu exemplar está...à sua disposição porque ninguém mais carece dele. O que é egoísmo misturado com coincidência! Acaba de sair num número da Revista do Instituto Histórico da Bahia, o livro do Teodoro Sampaio na íntegra e correto e aumentado. Não sei você recebe aí a Revista. Se não recebe, e tem dificuldade a obter, me avise que mando daqui. (Andrade *Apud* Moraes, 2010)
- 52 Seja como for, em 1934, Angyone Costa, professor de arqueologia brasileira do Museu de História Nacional, localizado no Rio de Janeiro, publicou a obra *Introdução à arqueologia brasileira: etnografia e história*. No prefácio à segunda edição da obra, em 1938, Costa revelou que o tema até então não era de grande interesse, pois “quando a primeira edição deste livro surgiu, o assunto de que ele trata estava mergulhado em pleno esquecimento. E a rapidez com que os estudiosos e o público esgotaram a primeira edição veio evidenciar um novo despertar de curiosidade e de estudo em torno da cultura indígena” (Costa 1938).
- 53 Apesar do aumento do interesse sobre a cultura indígena, Costa lamentou que a antropologia “ainda se acha aqui na infância”, o que não era diferente da arqueologia, uma vez que “a literatura, em idioma nacional, perfeitamente escassa”. A exceção eram as pesquisas de Theodoro Sampaio, Ladislau Neto² e Hermann von Ihering,³ que “tentaram uma síntese de conjunto” (Costa 1938, 48).
- 54 Na sua opinião,
- É a oportunidade falar na contribuição apresentada por Teodoro Sampaio, a mais recente e bem-feita. O grande sabedor de antiguidades americanas, que é Teodoro Sampaio, no seu ensaio *Arqueologia Brasileira*, não se abalança a desenvolvidas ou audaciosas conclusões, antes fica no domínio das realidades, expondo com clareza, em bom estilo, o pouco que se tem feito nesta província do saber. Seu trabalho trai o sabor vernáculo, é escrito numa linguagem plástica e maleável, concisa e ajustada ao assunto. Procede a uma demonstração do escasso material da nossa arqueologia, relatando com exatidão e critério o trabalho promovido em seus diversos campos, e tirando deduções acordes com a ciência do nosso tempo. (Costa 1938, 53)

- 55 Contudo, Angyone Costa discordou de Sampaio sobre a tese de que as inscrições rupestres dos povos originários seriam uma forma de escrita, pois as sociedades indígenas da América do Sul “não deixaram escrita, nem indícios seguros, no caso do Brasil, por onde se possa reconstituir o passado”, portanto, só conheciam a tradição oral, e foi mais além nas críticas ao afirmar: “consciência tão lógica, analista tão fino, não compreendemos como o autor possa inscrever-se entre os que acreditem nessa ideografia indígena” (Costa 1938, 54).
- 56 No entanto, uma outra polêmica foi registrada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda no ensaio *Raízes do Brasil* (1936). A segunda edição de 1947 sofreu cerca de 200 modificações, e é repleta de anotações. Uma delas se refere ao capítulo “O sementeiro e o ladrilhador”, que inclui a nota “A língua-geral em São Paulo”, na qual Holanda assinalou uma controvérsia publicada no periódico *Estado de São Paulo* em maio de 1945. O crítico não consentia com a tese de Theodoro Sampaio de que “os paulistas da era das bandeiras se valiam do idioma tupi em seu trato civil e doméstico, exatamente como os dos nossos dias se valem o português” (Holanda 1995, 122). Segundo Sérgio Buarque, para sobreviver em um ambiente inóspito, os bandeirantes tiveram que forjar alianças com os povos indígenas e para isso assimilaram sua língua nativa da mesma forma que os jesuítas no período colonial. Ao que tudo indica, a crítica exposta no jornal ganha um contorno de preconceito racial, uma vez que:
- Admite-se, em geral, sobretudo depois dos estudos de Teodoro Sampaio, que ao bandeirante, mais talvez do que ao indígena, se deve nossa extraordinária riqueza de topônimos de procedência tupi. Mas admite-se sem convicção muito arraigada, pois parece evidente que uma população “primitiva”, ainda quando numerosa, tende inevitavelmente a aceitar os padrões de seus dominadores mais eficazes. (Holanda 1995, 122)
- 57 Em que pesem as críticas de Angyone Costa e de outros, é inegável a contribuição do movimento modernista nas ciências sociais, extrapolando às artes e à literatura, visto que “a própria noção moderna e contemporânea de cultura brasileira, de cunho antropológico, nasce com o modernismo” (Madeira; Velloso, 2022). Não por acaso, Theodoro Sampaio se inseria nesse momento de profundas transformações que estava sendo gestado desde fins dos Oitocentos, caracterizado por uma geração de intelectuais e cientistas que assumiram uma nova posição, comprometida em descobrir e revelar o Brasil aos brasileiros, o que envolvia a adequação a uma linguagem mais acessível ao público em geral, com bem apontou Angyone Costa acima. Para Theodoro Sampaio,
- Registrar o que em íntima e diuturna convivência com o índio se nos deparar como fenômeno de sua língua ou como produto genuíno de seu intelecto e da sua memória, tal deve ser o escopo a atingir da parte de quem quer que porventura se proponha conhecer o homem das selvas no seu passado, na sua filiação em relação a outros povos. (Sampaio 1955, 125)
- 58 Por outro lado, ao que parece, não era uma preocupação de Theodoro Sampaio realizar uma interpretação histórico-sociológica do país, porém, as suas pesquisas oriundas de suas excursões científicas pelo território nacional trouxeram à baila informações sobre a natureza geológica de grutas e cavernas, sobre a paisagem geográfica de inúmeras localidades, e, em especial, sobre a contribuição da cultura indígena na formação social, como revelou Luiz da Câmara Cascudo no *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Seja como for, de acordo com o historiador e arqueólogo Pedro Paulo Abreu Funari,
- Theodoro Sampaio (1916, 1918, 1922) foi, talvez, o melhor exemplo desta geração de estudiosos pioneiros, nenhum dos quais arqueólogo profissional: ele produziu um

ensaio geral sobre “Arqueologia Brasileira” (1922) e era alguém que acreditava sinceramente que marcas nas rochas poderiam ser interpretadas como escrita hieroglífica. (Funari 1994, 26)

BIBLIOGRAFIA

- Cali, Plácido. 2002. “História da cultura brasileira e fontes arqueológicas”. *Fronteiras: revista de História*, v.6, n. 11, jan./jun.
- Carris, Luciene. 2022. “O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro nas Comemorações do Centenário da Independência”. Em *Independências e modernismos: outras modernidades no Brasil Republicano* organizado por Andrea Casa Nova Maia e Luciana Pessanha Fagundes. Rio de Janeiro: Telha.
- Cascudo, Luís da Câmara. 2001. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global Editora. www.archive.org.
- Collevatti, Jayne. “Do trabalho missionário para se salvar uma nação: um estudo dos sucessos missionários”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 29, v. 1: 223-250 <https://www.scielo.br/j/rs/a/nwbthWcV3smDmLzryVhsHSv/?format=pdf&lang=pt>
- Costa, Angyone. 1938. *Introdução à arqueologia brasileira: etnografia e história*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.
- Costa, Ivoneide de França. 2007. *O rio São Francisco e a Chapada Diamantina nos desenhos de Theodoro Sampaio*. Dissertação de Mestrado em Ensino Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Funari, Pedro Paulo A. 1994. “Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação”. *Revista de História da Arte e da Cultura*, n. 1, <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15567>
- Guimarães, Lúcia Maria Paschoal. “Primeiro Congresso de História Nacional: um breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX *Tempo*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 18: 147-170 <https://www.redalyc.org/pdf/1670/167013389007.pdf>
- Holanda, Sérgio Buarque de. 1995. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Madeira, Angélica; Mariza Veloso. 2022. “O Modernismo nas Ciências Sociais. Reflexões em torno de três clássicos do Pensamento Social Brasileiro”. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 74, n. 2: 1-11. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252022000200007&script=sci_arttext
- Moraes, Marco Antônio de. 2010. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas de 1924-1944*. São Paulo: Global.
- Murari, Luciana. *Brasil, Ficção Geográfica: ciência e nacionalidade no país dos Sertões*. São Paulo: Annablume, 2007.
- Nascimento, Jaime Oliveira do. 2021. *Theodoro Fernandes Sampaio* (Verbetes). CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SAMPAIO,%20Theodoro.pdf>

Noelli, Francisco Silva, Lúcio Meneses Ferreira. 2007. “A persistência da teoria da degeneração e do colonialismo nos fundamentos arqueologia brasileira”. *Hist. cienc. Saúde, Manguinhos*, v. 14, n. 4. <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fwh6cwYjwPMVfLypG8Fk45z/?lang=pt&format=html>

Rabello, Angela Maria Camardella. 1997. *Imagens da Pré-História: às mãos na pintura rupestre do alto sertão baiano*. Dissertação de Mestrado em Antropologia da Arte, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Raminelli, Ronald. 1998. “Ciência e colonização – Viagem Filosófica de Alexandre Ferreira”, *Tempo*, v. 3, n. 6. https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg6-10.pdf.

Rocha, Hildon. Organizadora. 2000. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.

Rodrigues, José Honório. 1957. “Novas cartas de Capistrano de Abreu”. *Revista de História*, São Paulo, v. 15, n. 31: 79-91. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/view/7931>

Sampaio, Theodoro, Carlos Teschauer. 1955. *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*. Salvador: Progresso.

Rosa, Flávia Goullart Mota Garcia, Susane Santos Barros. 2004. “Panorama da história da editoração Salvador/Bahia”. *Anais do I Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial*, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/flaviagoullartesusanesantos.pdf>

Santos, Magno Francisco de Jesus. “Aos píncaros da serra, invadindo o sertão”: Theodoro Sampaio e a invenção do limite meridional do Brasil na revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo por um intelectual negro (1896-1912). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 77: 378-396.

Trigger, Bruce G. 2004. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odisseus.

Vaz, Caroline Bulhões Nunes. 2017. “Entre o sertão e a nação”. *Terra Brasilis* (Nova Série), nº 8. <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1981>

Ventura, Roberto. 2000. “Um Brasil Mestiço: Raça e Cultura na passagem da monarquia à república”. Em *Viagem Incompleta: A experiência brasileira (1500-2000)*. Formação: histórias, 329-359, organizado por Carlos Guilherme Mota. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

NOTAS

1. Os capítulos se intitulam: “Exploração e estudos do naturalista bávaro Carlos Von Martius (1817-1820)”; “O passado do homem americano”; “Estado do direito entre os índios do Brasil”; “Expedições de Carlos Frederico Hartt ao Vale do Amazonas”; “Os mitos”; “O mito do Tupã”; “Exploração da Ilha do Pacoval por Ladislau Netto”; “Expedição Carlos Von Den Steinen”; “A Expedição Goeldi”; “Exploração de Koch-Gruenberg do Vale do Alto Rio Negro e do Yapurá”; “Exploração de Rondon”; “Jazidas paleontológicas”; “Os sambaquis” e “Lagoa Santa”.

2. Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) foi um cientista brasileiro notável em diversas áreas, como botânica, antropologia e arqueologia. Nascido em Alagoas, Ladislau alcançou destaque não apenas no Brasil, mas também em outros países, colaborando com várias instituições estrangeiras ao longo de sua carreira. A partir de 1870, ele atuou no Museu Nacional como diretor interino, tornando-se efetivo a partir de 1876. Ladislau de Souza Mello Netto foi reconhecido como um dos mais proeminentes nomes no cenário científico brasileiro do século XIX, deixando uma vasta obra que incluiu estudos sobre a flora brasileira, arqueologia e antropologia.

3. Hermann von Ihering (1850-1930) foi um naturalista alemão que atuou como diretor do Museu Paulista entre 1894 e 1915. Ele chegou ao Brasil em 1880, aos 30 anos, após concluir seus estudos em medicina e filosofia, para trabalhar como naturalista viajante do Museu Nacional. Em 1882, adquiriu a cidadania brasileira. Ihering realizou pesquisas em diversas áreas da História Natural e Arqueologia, tendo como região de interesse principal o Sul do Brasil. Durante seus 22 anos como diretor do Museu Paulista, contribuiu significativamente para o desenvolvimento do conhecimento em várias áreas.

RESUMOS

O artigo discute a contribuição intelectual do engenheiro afro-baiano Theodoro Sampaio para a cultura indígena nas primeiras décadas do século XX, a partir do exame da obra *Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena*, organizada e publicada em 1955 pela editora Progresso. O livro reúne textos de diferentes épocas, e como resultado de suas excursões científicas pelo território nacional, a sua pesquisa trouxe informações sobre a natureza geológica, sobre a paisagem geográfica de inúmeras localidades visitadas, e, em especial, sobre a contribuição da cultura indígena na formação social brasileira, como a importância da língua tupi e a arqueologia indígena dos povos Maracás do interior da Bahia.

The article discusses the intellectual contribution of the Afro-Bahian engineer Theodoro Sampaio to indigenous culture in the early decades of the 20th century, based on the examination of the book "The Traveling Naturalists of the 18th and 19th Centuries and Indigenous Ethnography", organized and published in 1955 by Progresso publisher. The book brings together texts from different periods, and as a result of his scientific excursions throughout the national territory, his research provided information about the geological nature and geographic landscape of numerous visited locations, and especially about the contribution of indigenous culture to the Brazilian social formation, such as the importance of the Tupi language and the indigenous archaeology of the Maracás peoples in the interior of Bahia.

El artículo discute la contribución intelectual del ingeniero afrobahiano Theodoro Sampaio a la cultura indígena en las primeras décadas del siglo XX, basado en el examen del libro "Los Naturalistas Viajeros de los siglos XVIII y XIX y la Etnografía Indígena", organizado y publicado en 1955 por la editorial Progresso. El libro reúne textos de diferentes épocas y como resultado de sus excursiones científicas por todo el territorio nacional, su investigación proporcionó información sobre la naturaleza geológica y el paisaje geográfico de numerosas localidades visitadas, y especialmente sobre la contribución de la cultura indígena a la formación social brasileña, como la importancia de la lengua tupí y la arqueología indígena de los pueblos Maracás del interior de Bahía.

L'article discute de la contribution intellectuelle de l'ingénieur afro-bahianais Theodoro Sampaio à culture indigène dans les premières décennies du XXème siècle, en se basant sur l'examen de l'ouvrage "Les naturalistes voyageurs des XVIIIe et XIXe siècles et l'ethnographie indigène", organisé et publié en 1955 par l'éditeur Progresso. Le livre rassemble des textes de différentes époques et, en conséquence de ses excursions scientifiques dans tout le territoire national, ses recherches ont fourni des informations sur la nature géologique et le paysage géographique de nombreuses localités visitées, et en particulier sur la contribution de la culture indigène à la

formation sociale brésilienne, comme l'importance de la langue tupi et l'archéologie indigène des peuples Maracás de l'intérieur de Bahia.

ÍNDICE

Índice geográfico: Brasil

Mots-clés: Theodoro Sampaio, peuples autochtones, territoire brésilien

Palavras-chave: Theodoro Sampaio, povos indígenas, território brasileiro

Palabras claves: Theodoro Sampaio, pueblos indígenas, territorio brasileño

Keywords: Theodoro Sampaio, indigenous peoples, brazilian territory

Índice cronológico: Século XX

AUTOR

LUCIENE CARRIS

Doutora em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

lucienecarris2016@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3019562181331858>

<https://orcid.org/0000-0002-1706-3425>